

# Tensões comerciais e políticas são "nuvem" sobre mercados em 2019

Guerras comerciais EUA-China, processo do "Brexit", eleições europeias, crescimento de movimentos populistas em vários países do mundo. É sobre este clima de incertezas que arranca 2019, as quais podem influenciar negativamente os mercados no novo ano. Este é o aviso deixado pelos especialistas ouvidos pela "Vida Económica". Ainda assim, há otimismo para o novo ano, à escala global, europeia e portuguesa.



Os especialistas veem, apesar de tudo, algum otimismo.

AQUILES PINTO  
aquiles.pinto@vidaeconomica.pt

Os últimos meses têm sido de aumento do clima populista e de protecionismo, algo de que os mercados não gostam. 2019 arranca com o espetro de guerras comerciais EUA-China, processo do "Brexit", eleições europeias, crescimento de movimentos populistas em vários países do mundo. Isso pode influenciar os mercados.

Carlos Almeida, diretor de investimentos do Banco Best, explica à "Vida Económica" que o ano começa depois de um 2018 em que aos retrocessos negativos da generalidade dos índices bolsistas mundiais se juntaram perdas no segmento das obrigações. "Isto não é normal, só aconteceu duas vezes desde 1991", explica.

O especialista indica que há vários pontos que precisam de ser clarificados e que estiveram na base da volatilidade registada. O primeiro são as tensões comerciais entre Estados Unidos e China, depois avaliar o desempenho dessas duas economias. "É possível que a China abandone o crescimento, mesmo que as previsões apontem para 6,2% em 2019, mesmo assim uma taxa considerável quando comparado com o resto do mundo. A economia mundial deverá crescer 3,7% de acordo com as previsões. Isso combaterá com o desenvolvimento económico dos EUA e falta saber se a expansão da economia americana irá durar. Tem havido recio de que

possa terminar, mas não nos parece que seja esse o cenário para 2019, há bons indicadores, apesar das várias tormentas que está a enfrentar, para bons resultados das empresas, do emprego, em termos orçamentais e sinais que a Fed está a dar no sentido de não acelerar a subida das taxas de juro", refere.

Na Europa, "as dívidas são as eleições para o Parlamento Europeu e o tão-falado Brexit". Carlos Almeida realça ainda a "forma como o caso franco-alemão se vai manter e vai durar nos próximos tempos". As mensagens mais populistas na Europa ou mesmo de cenários de aumentos de despesa pública podem, também, ser um fenómeno de volatilidade neste novo ano.

Em relação a Portugal, o especialista destaca "aquilo que foi a resistência à dívida pública portuguesa a um fenómeno tão importante como foi a volatilidade em torno da Itália". Enquanto o prémio de risco em Itália "subiu bastante, em Portugal os investidores não incorporaram, como no passado, essa lógica de periferia como um todo e que o nosso país como Espanha conseguiram reduzir os seus prémios de risco", o que é muito positivo.

As dívidas para Portugal são, segundo o diretor de investimentos do Banco Best, perceber "como a economia europeia vai funcionar como um todo, que Parlamento Europeu e que projeto europeu vamos ter depois das eleições de maio

de 2019 e que força é que o caso franco-alemão, num cenário de Brexit, terá".

A nossa fonte resume que "estamos num cenário de abrandamento, não de recessão, que deriva destas dívidas no panorama internacional, fruto de episódios de crise política".

O economista Luís Bravo fala em diferentes impactos das diversas dívidas que pairam sobre os mercados este ano. "São fatores de risco, mas com diferentes impactos. O mais relevante é a guerra comercial, que, se escalar a nível global, pode mesclar com expectativas de crescimento do mundo desenvolvido. Os problemas da Europa são mais incorporados, mas este ano, a par do Brexit, as eleições europeias funcionarão como um barómetro do euroceticismo", defende.

"Mas se os riscos com a guerra comercial dissiparem, e parece-me possível que isso possa acontecer, então os mercados voltarão a olhar para o crescimento e para as avaliações e múltiplos associados, que depois das correções continuam a oferecer valor", acrescenta.

## Riscos identificados

Filipe Garcia, economista da IMF - Informação de Mercados Financeiros, indica que os riscos "estão relativamente identificados e até descantados nos preços", mas avisa que "a deterioração do con-

texto naturalmente" terá impacto nas cotações. "O risco de recessão não me parece ainda totalmente descontado e, em bom rigor, ninguém espera nesta fase uma nova crise europeia, ainda que todos tenham consciência que será apenas uma questão de tempo", indica o especialista.

Em relação à Europa, Filipe Garcia indica que os sinais dados pelo BCE vão no sentido de uma política monetária acomodatória. "Ou seja, não será a política monetária a responsável por alteração do ciclo económico na Europa. O BCE irá continuar a manter as taxas de juro baixas e a liquidez abundante. O fim do programa de compra de obrigações será substituído, em caso de necessidade, por leilões de liquidez a custo zero", explica o economista.

Paulo Rosa, economista do Banco Carregosa, disse-nos, sobre os protecionismos, que "os nacionalismos comerciais são sempre nefastos e acabam por penalizar todos, já o referia David Ricardo no início do séc. XIX. O Brexit é uma incerteza, logo causa sempre volatilidade no mercado, bem como os problemas sociais. Um abrandamento da economia alemã, motor europeu, seria bastante penalizador para a União Europeia", avisa.

"É plausível que a inversão da política monetária para contracionista da União Europeia não venha a acontecer, e caso haja abrandamen-

Alguns dos especialistas acreditam que o protecionismo irá diminuir e que o processo do "Brexit" pode ser revertido

to da política monetária expansionista dos EUA, é muito provável que não haja mesmo", acrescenta Paulo Rosa.

## Resoluções positivas são possíveis

Os problemas identificados representam riscos para os mercados acionistas, segundo fonte do BK Research. "Destes problemas, consideramos que a guerra comercial EUA-China e o Brexit representam os maiores riscos de curto prazo, mas consideramos que a resolução destes poderá ser positiva. Atribuímos uma probabilidade de 60% a que a guerra comercial seja concluída com os dois países a chegarem a um acordo de carvalheiros, em seguimento da manutenção posição conciliatória pela China. No caso do Brexit, projetamos que decorrerá um segundo referendo e as sondagens atuais apontam que a manutenção na União Europeia seja a escolha maioritária neste", prevê.

Em relação à política monetária no Velho Continente, a mesma fonte indica que, "em 2019, a conjuntura de abrandamento económico e inflação no objetivo do BCE (2%), ou mesmo relativamente abaixo, deverá implicar aumentos de taxa de juro verdadeiramente contidos e uma predominância da atual indole acomodatória".

Ainda sobre questões como o "Brexit" ou as guerras comerciais, o economista José Santos Teixeira recorda que os mercados detestam as incertezas, logo todos estes fatores são impeditivos de um "bull market". "Dá a necessidade de uma atenção permanente à evolução de todos estes temas. Pessoalmente, tenho uma convicção que os ingleses acabaram por considerar o Brexit como a 'estupidez do século' e acabaram por ficar na União Europeia", considera.